

O (DES)CONHECIMENTO DO USO REAL DAS LÍNGUAS ESTRANGEIRAS POR BRASILEIROS EM INTERCÂMBIO INTERNACIONAL

Aline Santos de Lima

Orientadora: Telma Cristina Pereira

Mestranda

RESUMO: Nossa prática como professora de Francês Língua Estrangeira no Ensino Médio no Rio de Janeiro tem revelado o grande interesse dos jovens por intercâmbios estudantis e culturais em países estrangeiros. Isso se confirma, por exemplo, com dados publicados pelo programa nacional de promoção da mobilidade internacional, o Ciência Sem Fronteiras, que mostram o crescimento contínuo da quantidade de estudantes brasileiros no exterior até 2016. Essa ascensão da mobilidade internacional, junto com a expansão do acesso à Internet fez com que surgissem muitos blogs onde se vê diversos relatos de viagens pelo mundo e, a partir da análise de alguns desses relatos, podemos compreender como os brasileiros intercambistas e/ou residentes no exterior percebem a diversidade linguística e cultural das línguas, para se chegar a uma reflexão sobre o ensino de língua estrangeira (LE) no Brasil. Assim, nosso trabalho pretende mostrar os motivos que levam os brasileiros a sofrerem choque cultural quando entram em contato com o uso real das línguas, colaborando com as discussões sobre competência linguística no ensino de LE. Nossa pesquisa tem como principais referenciais teóricos os conceitos de interculturalidade e competências linguísticas em Maddalena De Carlo (1998), Philippe Blanchet (2007), Jean-Claude Beacco (2007) e Christian Puren (2013, 2014) e choque cultural em Kolervo Oberg (1954, 1960), Valderez Fraga (1999) e Raja Choueiri (2008).

PALAVRAS-CHAVE: competência linguística, choque cultural, interculturalidade, língua estrangeira.

Introdução

Este artigo é baseado em algumas práticas docentes realizadas ao longo de nossa experiência como professora de Francês Língua Estrangeira, doravante FLE, no Ensino Básico, e na observação de relatos de brasileiros que fizeram ou fazem intercâmbio no exterior. Além disso, as reflexões teóricas trazidas para este trabalho fazem parte de nossa

pesquisa acadêmica de Mestrado, que está em andamento, no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem da Universidade Federal Fluminense.

Escolhemos relatos de intercambistas brasileiros como corpus de nossa pesquisa, pois, muitos estudantes têm demonstrado grande interesse em continuar os estudos acadêmicos fora do Brasil, assim como é crescente também a quantidade de jovens que deseja realizar intercâmbio cultural, passando alguns meses no exterior para aprimorar seus conhecimentos linguísticos e conhecer de perto a cultura estrangeira.

Uma prova desse aumento pela procura de intercâmbios são os dados do programa nacional de promoção da mobilidade internacional, o Ciência Sem Fronteiras, lançado em 2011 e encerrado para graduação em 2014, que mostram o crescimento contínuo da quantidade de estudantes brasileiros no exterior até 2016, conforme o gráfico a seguir:

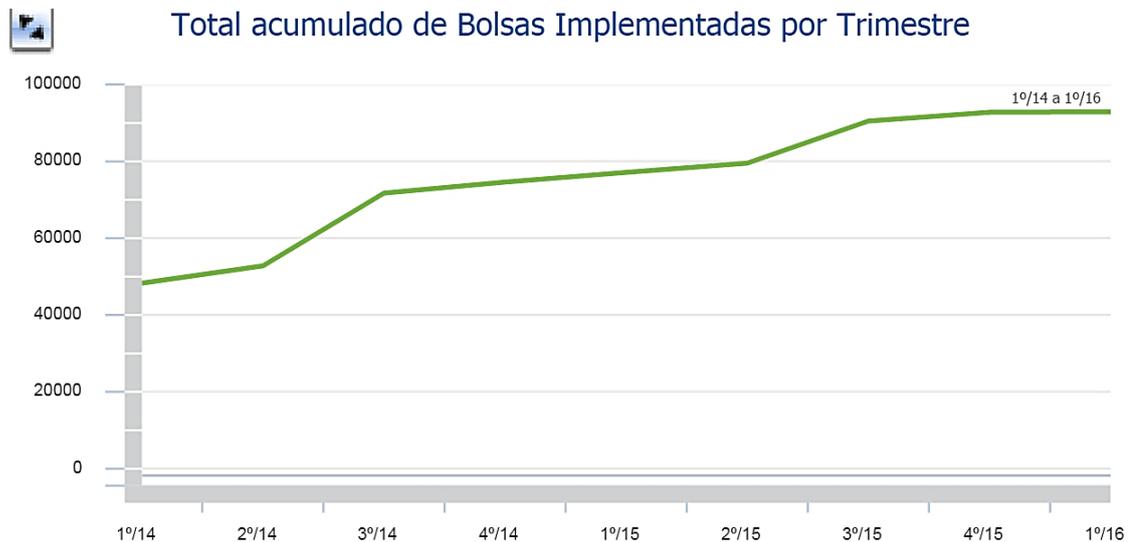


Figura 1: Bolsas concedidas a estudantes brasileiros pelo Ciência Sem Fronteiras, do 1º trimestre de 2014 ao 1º trimestre de 2016.¹

Essa progressiva busca por viagens internacionais, nos fez pensar, como professores de língua estrangeira (LE), que os conhecimentos linguísticos adquiridos pelos estudantes brasileiros no ensino formal são cada vez mais postos em prática fora do país, ou seja, depois do Ensino Básico, muitos estudantes podem usar a LE em interações sociais diversas com falantes nativos.

A partir das duas situações de contato com a LE, ou seja, a sala de aula e os países onde se fala a LE, identificamos as seguintes situações-problema: 1. A ênfase no ensino da

¹ Gráfico disponível em <<http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/web/csf/painel-de-controle>>. Acesso em 20 de agosto de 2016.

forma padrão da LE não prepara os aprendizes para lidarem com os variados contextos de interação, sendo a falta de contato com falantes dessas línguas, em situações reais de comunicação, a principal causa do apagamento das diversas representações sociais (CASTELLOTTI & MOORE, 2002); 2. Em contato direto com a língua e a cultura estrangeira, os intercambistas se deparam com variantes linguísticas nunca vistas e hábitos muito diferentes do seu país de origem e, por isso, sofrem choque cultural.

O choque cultural, numa definição mais recente, é o processo pelo qual se descobre, espantado ou intrigado, o que é novo (CHOUEIRI, 2008), mas também pode ser entendido como um desconforto psicológico causado por mal-entendidos ou desentendimentos entre pessoas de culturas diferentes (FRAGA, 1999) e pode até mesmo ser considerado uma doença ocupacional de pessoas que saem do país de origem e perdem o significado de símbolos das relações sociais, tais como palavras, gestos, costumes e normas (OBERG, 1954; 1960).

Depreendemos dessas três acepções que o brasileiro em intercâmbio internacional pode viver uma situação desfavorável à interação social satisfatória quando está inserido numa realidade linguística e cultural diferente da sua. Portanto, julgamos importante, no ensino formal da LE, trabalharmos em busca de atenuar o choque cultural para evitar ao máximo que o estudante sofra consequências negativas no contato com o estrangeiro.

Os relatos dos brasileiros em intercâmbio internacional

Analisando alguns relatos de brasileiros sobre questões linguísticas vividas em suas viagens internacionais, percebemos o quanto o choque cultural sofrido por eles pode nos auxiliar a refletir sobre a competência linguística de que eles precisam para se sentirem mais confortáveis e para agirem de forma mais adequada em situações reais de comunicação.

Vejamos dois exemplos de relatos, recolhidos de blogs disponíveis na Internet.

O primeiro relato está disponível no blog “Brasileiras pelo mundo”. A autora do texto intitulado “França – o desafio do idioma na mudança para o exterior”, é uma jovem advogada, chamada Carolina van Heesewijk, descendente de holandeses, nascida em São Paulo, que morou em Toulouse, na França.

Destacamos aqui dois trechos de seu relato²:

² Relato completo disponível em < <http://www.brasileiraspelomundo.com/o-desafio-do-idioma-na-mudanca-para-o-exterior-571925622>>. Acesso em 12 de fevereiro de 2016

Trecho 1
<i>Pouco importa o quanto você se dedicou no aprendizado ou aprofundamento da língua estrangeira. Garanto que em algum momento alguém dirá pra você algo extremamente simples (ou nem tanto), e cairá sua ficha de que nada substitui a convivência diária e rotineira com os moradores, nem mesmo aquele curso caro que você tinha certeza que te daria ao menos um apoio inicial, auxiliando durante período de adaptação, antes de você dominar minimamente o idioma.</i>
Trecho 2
<i>Confie que normalmente as pessoas falam muito rápido e com um linguajar repleto de gírias que seu professor nunca te ensinou, talvez por nunca ter tido a oportunidade de passar uma temporada fora do Brasil. Infelizmente o conteúdo teórico da gramática é importante sim para compreender o funcionamento da língua estrangeira, porém, de pouquíssima utilidade na sua rotina, já que em qualquer país existem duas línguas: a dos livros didáticos e a linguagem das ruas. Adivinhe com qual você vai conviver infinitamente mais ao mergulhar afundo na cultura de outro país?</i>

Tabela 1: Relato de uma jovem brasileira que fez intercâmbio na França

No trecho 1, observamos que Carolina denigra o ensino formal de LE, afirmando que as aulas não ajudam na comunicação cotidiana e que só aprende quem convive com os moradores locais falantes da LE.

No trecho 2, Carolina destaca três entraves para uma compreensão oral satisfatória: a prosódia, as variantes lexicais e o ensino da gramática desvincilhado das diversas formas de expressão existentes.

O segundo relato está disponível no blog “Must Share BR”. A autora do texto intitulado “O primeiro mês em outro país: dificuldades”, é uma jovem formada em Administração, chamada Camila Faria, nascida no interior de São Paulo. Em sua apresentação, Camila revela que seu primeiro intercâmbio foi em 2009, aos 17 anos de idade, depois de ter concluído o Ensino Médio no Brasil. Na ocasião, ela diz ter morado durante 6 meses com uma família americana, na Georgia, Estados Unidos. Camila diz ainda que, depois dos Estados Unidos, ela viajou pela Europa e passou 4 meses vivendo em Toulouse, na França.

Trazemos para este trabalho, portanto, um trecho de seu relato sobre a língua inglesa e outro sobre a língua francesa³.

Trecho 1
<i>Por mais que você tenha estudado uns 6 anos do idioma (que foi meu caso com o inglês, antes de ir para os EUA), quando você chega lá e fala com nativos, percebe que, na verdade, você não fala. O sotaque é sempre complicado e eu tive a sorte (ironia) de ir para um lugar onde o sotaque era puxado mesmo.</i>
Trecho 2
<i>Uma coisa interessante que eu nunca tinha ouvido falar... E aprendi com meus amigos franceses é que em algumas regiões da França e, pelo que eu entendi, em Paris principalmente, os jovens trocam a ordem das palavras na linguagem do dia-a-dia. Ou seja, merci, que significa obrigado, quando falado pelos mais jovens vira “cimer“. E eles fazem isso mesmo com um monte de palavras. São tipo umas gírias. [...] Os próprios franceses falavam que tinham pena dos intercambistas que se mudavam para a França conhecendo o francês “original“. A língua falada nas ruas não tem nada ver com o Francês correto que aprendemos na escola.</i>

Tabela 2: Relato de uma jovem brasileira que fez intercâmbio nos Estados Unidos e na França

No primeiro trecho, percebemos que o relato de Camila, assim como o de Carolina, na tabela 1, expressam um olhar negativo sobre o ensino formal de LE, afinal, Camila afirma que mesmo tendo muitos anos de estudo da LE, não se aprende o suficiente para a comunicação em situações reais de interação. Ela destaca também a questão da prosódia se referindo ao sotaque que ela não conhecia.

No segundo trecho, Camila enfatiza o desconhecimento de uma variante lexical e afirma que a escola não ensina as formas de expressão coloquiais da LE, o que, segundo ela, é motivo de compaixão por parte dos moradores locais falantes da LE.

Refletindo sobre os problemas apresentados nesses dois relatos e em mais vinte e oito que compõem o corpus de análise de nossa pesquisa acadêmica, chegamos à conclusão de que nós, professores de LE, precisamos nos debruçar sobre nossas práticas docentes e explorar formas de fazer com que o estudante do Ensino Básico atinja a competência

³ Relato completo disponível em < <http://mustsharebr.com/2015/04/01/o-primeiro-mes-em-outro-pais/>>. Acesso em Acesso em 12 de fevereiro de 2016

linguística adequada ao uso das línguas em situações reais de comunicação. Mas, qual seria essa competência?

Para resolver este questionamento, buscamos definições linguísticas para competência, desde a década de 50 até o fim da década de 90 e anos 2000.

O uso real da língua no ensino formal de LE

Encontramos em Chomsky, a definição mais antiga para competência linguística, apresentando-a como a capacidade natural e inconsciente de produzir e entender frases (KENEDY, 2008). Já na década de 70, Hymes substitui a expressão “competência linguística” por “competência comunicativa”, pois ele acrescenta à definição de Chomsky a importância da habilidade em utilizar apropriadamente as formas linguísticas (HUDSON, 1981). Por fim, as definições mais recentes vão além do que é exposto por Hymes, visto que inserem o conceito de interculturalidade à competência comunicativa.

Este aspecto intercultural, de acordo com Maddalena de Carlo, em seu livro *L'Interculturel*, faz com que as aulas de LE sejam mais centradas no estudante e objetiva o desenvolvimento das personalidades dos aprendizes. Nesse sentido, a autora resume a educação intercultural explicando que

O ponto de partida deve ser, então, a identidade do aluno: pela descoberta de sua cultura materna, ele será levado a compreender os mecanismos de pertencimento de todas as culturas. Além disso, ele terá consciência dos critérios implícitos de classificação de sua própria cultura e será capaz de entender os princípios implícitos de divisão do mundo da cultura estrangeira. O objetivo não é, portanto, unicamente pragmático – oferecer aos aprendentes os meios para organizar seus discursos de maneira coerente e interagir com os estrangeiros – é também e sobretudo formativo, no sentido de desenvolver um sentimento de relatividade de suas próprias certezas, ajudando o aluno a suportar a ambiguidade de situações e de conceitos pertencentes a uma cultura diferente (DE CARLO, 1998, p. 44).

Surge, assim, a competência comunicativa intercultural (CCI), entendida como a aquisição dos códigos linguísticos necessários a toda comunicação, com o reconhecimento das variadas formas linguísticas em situações reais de comunicação, estabelecendo comparações entre as culturas mundiais para que haja um diálogo esclarecido entre indivíduos que têm identidades sociais diferentes (DE CARLO, 1998; BYRAM et al, 2002; BLANCHET, 2007).

Entendemos, portanto, que o aprendizado de uma nova língua leva o estudante ao encontro com outras culturas e, portanto, para aprender uma LE de forma abrangente e eficaz, precisamos ser inseridos no espaço do outro, não necessariamente no espaço geográfico, mas sim no espaço cultural.

Pensamos, então, o aprendizado da LE como uma constante atividade intercultural, em que a prática docente deve proporcionar ao aprendiz a competência comunicativa que lhe permita transitar nas mais diversas situações de fala, de modo que as variantes linguísticas mais usadas, tanto formais quanto informais, sejam exploradas em aula, através de situações reais de uso da LE, que revelam toda a diversidade cultural dos povos.

Isso posto, consideramos importantes para o ensino de LE, duas ações: 1. Fazer com que os aprendizes de LE percebam que existe uma adaptação nas formas de expressão, dependendo da situação comunicativa e de acordo com as finalidades das trocas linguísticas (BEACCO, 2007); 2. Desenvolver nos aprendizes a capacidade de agir de forma eficaz com pessoas de culturas diferentes (PUREN, 2014).

Com isso, para se chegar à CCI na aprendizagem de LE, faz-se necessária a exploração de documentos que apresentem contextos e intenções diversas e que tenham origens diferentes (BYRAM et al, 2002).

Acreditamos que é a partir desse tipo de material que nós, professores, podemos inserir o aluno no espaço cultural do estrangeiro, pois, a diversidade dos documentos trazidos para a aula de LE é que vai permitir ao professor prevenir, identificar e regular os mal-entendidos e as dificuldades de comunicação devidos a diferenças de esquemas interpretativos e, até mesmo, a preconceitos gerados pelos estereótipos (BLANCHET, 2007).

Assim, quanto mais inserido no espaço do outro o estudante de LE estiver, maior será a possibilidade de se evitar, no contato com a língua, em situações reais de uso, o choque cultural e o embaraço ou mesmo o bloqueio na hora de se expressar.

Para encontrar tais documentos, o melhor suporte que temos a nossa disposição é a Internet, visto que se trata de uma rede mundial de informação, onde o professor pode encontrar filmes, séries, músicas, textos de gêneros diversos e os alunos podem acessar em autonomia.

Uma possibilidade de abordagem intercultural

Pensando em tudo o que foi exposto até aqui, em uma aula de FLE, por exemplo, poderíamos usar um vídeo do *Youtube* para ensinar os meios de transporte em francês. Selecionamos, como amostra, uma das produções do *youtuber* francês Cyprien, intitulada “La SNCF”, sigla da *Société Nationale des Chemins de fer Français* (Sociedade Nacional dos Caminhos de ferro Francês) empresa pública francesa, que atua no oferecimento do transporte ferroviário.

Esse vídeo traz à tona alguns transtornos vividos pelas pessoas que usam com frequência, na França, o transporte ferroviário. Tais adversidades vão desde o esquecimento do cartão que dá direito ao desconto na passagem para jovens até a demora na leitura da máquina de validação do bilhete de viagem.

Assim, a primeira possibilidade de abordagem intercultural, pode ser a observação dos aspectos visuais e funcionais dos documentos mencionados por Cyprien (cartão de redução de tarifa, cartão de passe para quem mora ou trabalha em Paris e sua periferia, cartão de crédito e bilhete comprado para acessar o trem) em comparação com os documentos brasileiros, como o Bilhete Único e o cartão de estudante, por exemplo.

Outra possibilidade de abordagem intercultural do vídeo é a discussão sobre os atrasos dos trens, fazendo associação com alguma reportagem brasileira que trate desse assunto, verificando se a SNCF apresenta problemas semelhantes aos da Supervia, por exemplo.

Há ainda, no vídeo, uma referência à francofonia, quando Cyprien relata que o problema de dormir no trem é que o viajante pode parar numa estação muito longe daquela onde ele pretendia saltar. Nesse episódio, para manter o tom humorístico de seu relato, Cyprien diz que, certa vez, foi parar em Bamako, capital do Mali, um país francófono africano. Podemos aproveitar essa cena para mostrar aos alunos o mapa da francofonia, localizando a capital mencionada por Cyprien e demonstrando os países onde se fala francês pelo mundo.

Podemos também apresentar aos alunos algumas formas de uso do registro informal da língua francesa, como se vê na imagem a seguir.



Figura 2: Captura de tela do vídeo “La SNCF” no canal de Cyprien, em 2 minutos de reprodução⁴

Na legenda mostrada na imagem (Figura 2), vemos que o sujeito impessoal não foi expresso no início da oração e duas gírias foram empregadas: *truc*, que quer dizer “troço”, e *flippé*, que significa “exaltado”, “estressado”. Pode-se fazer, por exemplo, com que os alunos, consultando um dicionário, transcrevam as frases de Cyprien no registro formal da língua, explicando, depois, as diferenças de uso de cada registro.

Considerações finais

Tendo em vista que a mobilidade internacional é cada vez mais frequente na sociedade contemporânea, entendemos que o ensino de LE precisa proporcionar condições para que o intercambista se sinta o mais confortável possível em situações reais de comunicação, num ininterrupto processo de “se comparar e se identificar com a outra cultura e, com isso, reconhecer implicitamente os constituintes comuns às duas culturas” (CHOUEIRI, 2008, p. 9).

Assim, faz-se importante que a aprendizagem de uma LE seja pautada na pluralidade tanto linguística quanto cultural, dos povos do mundo, não menosprezando nenhuma forma de comunicação e desmistificando os estereótipos estrangeiros, evitando, dessa forma, qualquer tipo de entrave na interação com o outro.

Consideramos, então, que os documentos disponíveis na Internet podem contribuir de maneira significativa para a CCI nas aulas de LE, na medida em que proporcionam a

⁴ Vídeo disponível em < https://www.youtube.com/watch?v=k_Y5uAeIR2o>. Acesso em 30 de novembro de 2015.

inserção do estudante no espaço cultural do estrangeiro, sem que ele precise estar fisicamente em outro país.

Os vídeos dos *youtubers*, por exemplo, podem ser um documento audiovisual muito pertinente, tendo em vista que tratam de temas variados e atraentes para os jovens e lhes proporciona contato direto com situações de fala da vida real. Assim, trazer esses vídeos para a aula de LE é uma forma de concretizar a perspectiva de ensino abrangente e voltado para o uso efetivo da linguagem, contemplando as questões culturais das diversas sociedades mundiais.

Portanto, nosso trabalho pretende trazer à tona uma reflexão sobre a finalidade do ensino de LE, especialmente no que se refere à competência linguística que o aprendiz precisa atingir e, principalmente, colaborar para a prática docente de LE, no sentido de buscar o desenvolvimento das habilidades comunicativas orais e escritas dos aprendizes, ressaltando o aspecto intercultural do contato com uma nova língua.

REFERÊNCIAS

BEACCO, Jean-Claude. *L'approche communicative et l'approche par compétences dans l'enseignement du français et des langues*. « Enseigner à partir du Cadre européen commun de référence pour les langues ». Paris: Didier, 2007.

BLANCHET, Philippe. *Pluralité linguistique et approches interculturelles*. Revista « Synergies Chili » n° 3. GERFLINT/Institut Franco-Chilien, 2007. Disponível em <<http://gerflint.fr/Base/chili3/chili3.html>>. Acesso em 20 de março de 2016.

BYRAM, M.; GRIBKO, B.; STARKEY, H. *Developper la dimension interculturelle de l'enseignement des langues: une introduction pratique à l'usage des enseignants*. Strasbourg : Conseil de l'Europe, 2002.

CASTELLOTTI, Véronique ; MOORE, Danièle. *Representations sociales des langues et enseignements : Guide pour l'élaboration des politiques linguistiques éducatives en Europe – De la diversité linguistique à l'éducation plurilingue*. Strasbourg: Conseil de l'Europe, 2002.

DE CARLO, Maddalena. *L'interculturel – Didactique des Langues Étrangères*. Paris: CLE International, 1998.

CHOUËIRI, Raja. *Le « choc culturel » et le « choc des cultures »*, “Géographie et cultures”, 68 | 2008, on line a partir de 30 dez 2012, consultado em 30 set 2016. Disponível em <http://gc.revues.org/801>.

FRAGA, Valdez F. Choque cultural como aprendizado profissional e humano. Revista de Administração Pública, Vol 33, N° 5, p. 23 - 42. Rio de Janeiro, 1999.

HUDSON, R. A. *La sociolingüística*. Trad. Para o espanhol Xabier Falcón. Editorial Anagrama: Barcelona, 1981.

KENEDY, E. Gerativismo. In MARTELOTTA, Mário Eduardo Toscano (Org.). “Manual de linguística”. São Paulo: Contexto, 2008, v. 1, p. 127-140.

PUREN, Christian. *La compétence culturelle et ses différentes composantes dans la mise en oeuvre de la perspective actionnelle. Une problématique didactique*. Intercâmbio, 2ª série, vol. 7, 2014, pp. 21-38.

OBERG, Kalervo. *Culture Shock*. Palestra ministrada no “The Woman’s club of Rio de Janeiro”, no Brasil, em 03 de Agosto de 1954. Disponível em <<http://www.smcm.edu/Academics/internationale/Pdf/cultureshockarticle.pdf>>. Acesso em 20 de Agosto de 2016.

_____. *Culture Shock: Adjustment to New Cultural Environments*. “Practical Anthropology”, v. 7, p. 177-182, 1960.